

Se..., Não...
Revista Portuguesa de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

ap
Associação Portuguesa
de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica



Se..., Não...

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Editor / Publisher

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Director / Director

Carlos Amaral Dias, PhD

(Professor Catedrático; Psicanalista e Presidente da Comissão de Ensino da AP)

Editor Chefe / Editor in Chief

António Pazo Pires, PhD

(Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica e Saúde do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – IU; Psicanalista; Fundador e Associado da AP)

Co-edição /Co-editors

António Alvim, MSc Psicoterapeuta Psicanalítico; Fundador e Associado da AP); Ana Batarda, MsC (Psicoterapeuta e Terapeuta Familiar; Fundador e Associado da AP); Isabel Botelho MSc (Psicóloga; Psicoterapeuta, Fundadora e Associada da AP); João Pedro Dias MSc (Psicólogo Clínico; Fundador e Associado da AP); João Ferreira, MSc (Psicólogo Clínico; Associado da AP); Elisabete Fradique, MSc (Psiquiatra e Psicoterapeuta; Fundadora Associada da AP); Filipe Arantes Gonçalves MSc (Psiquiatra, Psicoterapeuta; Fundador e Associado da AP); Camilo Inácio MSc (Psicólogo Clínico; Associado da AP); Ângela Lacerda Nobre, PhD (Doutorada em Gestão; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Setúbal, Fundadora e Associada da AP); António Mendes Pedro, PhD (Visiting Professor da Universidade Paris XIII e Professor Associado da Universidade Autónoma; Psicoterapeuta, Psicanalista e



Psicossomática; Fundador e Associado da AP); José de Matos Pinto, PhD (Psicólogo Clínico; Professor Coordenador da ESE de Coimbra; Fundador e Associado da AP); Isabel Plantier MSc (Psicoterapeuta Psicanalítica; Associada da AP); Clara Pracana, PhD (Psicanalista, Professora Convidada do Instituto Superior Miguel Torga, do ISMAT e do ISPA; Consultora; Fundador e Associado da AP); Catarina Rodrigues, MSc (Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP); Manuela Gonçalves dos Santos, MSc (Grupanalista; Fundador e Associado da AP).

Conselho Editorial / Editorial Board

Carlos Alberto Afonso, PhD (Professor Associado do ISPA; MFAPA e MFTPP da AP); Conceição Almeida, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP); Maria do Rosário Belo, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP); José Henrique Dias, PhD (Professor Jubilado da UNL; Director da Escola Superior de Altos Estudos do ISMT); Maria do Rosário Dias, PhD (Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz; Fundadora Associada da AP); Jorge Caiado Gomes, PhD (Professor da Universidade Atlântica; Fundador Associado da AP); Mário Horta, PhD (Psicanalista; Membro da Direcção da AP); João Justo, PhD (Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa); Michael Knock, PhD (Professor Associado do ISMT; Teólogo); António Coimbra de Matos, MSc (Psicanalista; Psiquiatra; Presidente da Direcção da AP); Carlos Campos Morais, MFAPA da AP, Investigador-Coordenador apos. do LNEC, Membro Emérito da Academia de Engenharia; Cristina Nunes, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino e da Direcção da AP); José Gouveia Paz, PhD (Professor Auxiliar da UAL; Psicoterapeuta); Henrique Garcia Pereira, PhD (Professor Catedrático do IS; Escritor); José Carlos Coelho Rosa, MSc (Psicanalista; Vice-Presidente da Direcção e Membro da Comissão de Ensino da AP); Luís Sozcka, PhD (Psicanalista; Professor Catedrático aposentado do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade do Porto); Ana Vasconcelos, MSc (Pedopsiquiatra; Membro da Direcção e da Comissão de Ensino da AP)

Conselho Editorial Internacional / International Editorial Board

Nancy Burke, PhD (Associate Professor of Clinical Psychiatry and Behavioural Science in Northwestern University Feinberg School of Medicine – Chicago); Rochelle Suri, PhD (Licenced Marriage & Family Therapy; Associate Director of the International Journal of Transpersonal Psychology – San Francisco – California); Judith Parker, PhD (Psychoanalyst in private practice) – Beverly Hills – California); Lynn Somerstein, PhD (Director of the Institute of Expressive Analysis; Book Review Editor Psychoanalytic Review; Psychoanalyst in Practice – New York); Sandra Segan, PhD (Member of the WMAAPP (Western Massachusetts and Albany Association for Psychoanalytic Psychology; Psychoanalyst in Practice-New York)

Se..., Não...
Revista Portuguesa de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

ap
Associação Portuguesa
de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

«Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica. Contudo, também são aceites, de forma complementar, textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e as diversas facetas do Desenvolvimento Humano

© 2016, AP – Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Título

Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Capa

Coisas de Ler

Paginação

Coisas de Ler

Impressão e acabamento

XXXXXXXX

Depósito legal

314677/10

ISSN

1647-7367

data de edição

1.ª edição, Lisboa, Junho de 2016

Coisas de Ler Edições

Tel.: 211 919 350 – Fax: 211 919 349

www.coisasdeler.pt

editorial@coisasdeler.pt



Índice

Editorial

[11-14] *José Manuel Pinto*

O Terror e o Estranho

[17-44] O estranho caso do “menino de ouro”: A transgeracionalidade e a perversão

Alexandra Medeiros

[45-53] Inocência X e a teoria das transformações: O terror puro

Luís Delgado

[55-62] O vazio desiludido e a desvinculação de si próprio

Conceição Almeida

[63-76] Do terror à realidade: O holograma, o ornitorrinco, o desenho e o psicoterapeuta

Ricardo Gameiro Mendes

[77-85] O estranho entre amor e morte. Uma análise psicanalítica

Michael Knoch

[87-97] O estranho no processo analítico

José Manuel Pinto

Teoria e Clínica

[101-110] Dor psíquica e risco de suicídio. Notas para uma compreensão dos comportamentos suicidários

Rui Campos

[111-130] A palavra, o corpo e o “verdadeiro outro” – O modelo AEDP (Accelerated Experiential Dynamic Psychotherapy)

João Ferreira

[131-141] O lugar da *rêverie* na obra de Bachelard
Ana Gaspar

Investigação e Psicanálise

[145-153] Sobre os ombros de gigantes
Alexandre Vaz

[155-176] O estudo da representação de si através da obra fotográfica de Francesca Woodman numa perspetiva psicodinâmica e projetiva
Mariana Mendonça e Luís Delgado

[177-192] Fazer rir para não chorar. Abordagem psicanalítica do humor
Inês Francisco e Luís Delgado

Teoria e Clínica

O LUGAR DA *RÊVERIE* NA OBRA DE BACHELARD

Ana Gaspar¹
agasp64@gmail.com

RESUMO

Bachelard, epistemólogo francês, tomou a decisão tão inovadora como surpreendente de psicanalisar a ciência. Colocou o sujeito epistémico no divã para detectar e “curar” a ciência dos seus sintomas: os obstáculos epistemológicos. Contudo, o efeito da psicanálise na sua filosofia da ciência foi inesperado. Outro mundo mental se abriu. Se, por um lado, Bachelard usou a psicanálise para combater as *rêveries* do pensamento científico, por outro, ele passou a partir daí a dedicar uma importante parte do seu estudo à *rêverie*. Deixou uma obra desdobrada em dois campos inconciliáveis: Filosofia da ciência e filosofia poética.

Palavras-chave: Gaston Bachelard • Epistemologia • Filosofia poética • Psicanálise.

Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo francês, foi um pensador original, caracterizado por Granger¹ como um *Janus Bifrons*, por ter divergido a sua filosofia em dois olhares opostos: a ciência e a poética. Tal se deveu ao facto de ter defendido teses racionalistas muito fortes, onde as imagens e a *rêverie* foram combatidas de forma exaustiva do campo do saber científico, mas que, subitamente, deu um salto gigantesco para uma filosofia poética que advoga a necessária adesão irracional a essas mesmas imagens e *rêverie*. A sua obra ficou desdobrada em dois campos opostos: a ciência para um lado e a poética para outro. Estes dois campos são inconciliáveis para Bachelard porque não se faz ciência com devaneios poéticos, nem se apreende a riqueza da poesia com análises teóricas (a este propósito Schlegel^{II} é muito elucidativo quando diz que anotações sobre um poema são como lições de anatomia sobre um assado). Uma outra originalidade, ou irreverência, para alguns, foi a de ter feito uma psicanálise à ciência.

1 – Psicóloga Clínica na Universidade Nova de Lisboa. Centro de Filosofia das Ciências/UL.

Ora, a meu ver, a grande responsável pelo desdobramento da sua filosofia nos dois campos da ciência e da poética, foi a psicanálise. Vou, portanto, mostrar como é que um pensador que proclamou um racionalismo levado extremo, que usou, justamente, a psicanálise para o defender, se deixou levar por um efeito, acrescento, psicanalítico, para acabar atraído e rendido às “irracionalidades” que mais exaustivamente combateu. Um psicanalista não se surpreenderia com um fenómeno destes.

Uma breve sùmula sobre as suas publicações mostra, desde logo, este efeito da psicanálise. Vamos dividir a sua obra em três períodos para melhor o evidenciarmos:

1. O período epistemológico (ciência);
2. O período psicanalítico (psicanálise à ciência);
3. O período do desdobramento ciência-poética.

Uma das obras de referência do primeiro período é *O Novo Espírito Científico*. Segue-se o período psicanalítico com as duas obras *A Formação do Espírito Científico*, *Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento Objectivo* e *A Psicanálise do Fogo*. Depois disto, a obra desdobra-se: No campo da ciência, destacamos: *A Filosofia do Não*, *O Materialismo Racional*, *O Racionalismo Aplicado*; no campo da poética, temos o ciclo em torno dos elementos de Empédocles: a água, *A Água e os Sonhos*, o ar, *O Ar e os Sonhos*, a terra, *A Terra e os Devaneio da Vontade* e *A Terra e os Devaneios do Repouso*, e ainda, *A Poética do Espaço*, *A Poética da Rêverie*, e por fim, o *A Chama de uma Vela*. Neste último, escrito no fim da vida, Bachelard dá conta de uma entrega incondicional à *rêverie* e revela o devaneio puro, silencioso, solitário e ascensional, que a chama de uma vela acende em nós. As imagens do fogo foram sempre a sua grande paixão, ele começou a linha poética com o fogo e no fim da sua vida volta ao fogo (deixou obras póstumas, *A Poética do Fogo*, *A poética da Fénix*).

TESES EPISTEMOLÓGICAS MAIS IMPORTANTES

Para entendermos como é que a psicanálise entra na sua epistemologia, vamos situar as suas teses mais importantes. Primeiro, Bachelard é um descontinuista. Quer isto dizer que na sua epistemologia, a ciência avança por cortes, por negação com o conhecimento que está para trás. Segundo, ele é o filósofo do erro, do reconhecimento do erro. Diria mesmo, do elogio do erro, como vemos nesta passagem: “*Quanta alegria profunda se encontra na confissão dos erros objectivos. Confessar que se estava enganado equivale a prestar-se à mais viva homenagem do nosso espírito*” (p. 173)^{III}. O erro é importante para que o conhecimento avance, porque sem erros, é difícil chegar a novas teorias. Como diz, a este propósito, um seu discípulo Georges Canguilhem^{IV}, à epistemologia de Bachelard é conferido um “primado teórico do erro”. Terceiro, Bachelard é o filósofo do “não”, que considera a necessidade de dizer não à teoria que se acabou de afirmar para que o conhecimento possa avançar para novas teorias. Chega mesmo a propor aos cientistas um questionamento radical: “Porque não?”. E dá o exemplo da criação das equações matemáticas de Paul Dirac sobre a massa negativa que terão tido como base essa questão irreverente: “Porque é que a massa não há-de ser negativa?”, ou seja, se a massa é positiva, e nós percebemo-lo através dos nossos sentidos porque podemos vê-la, tocá-la, “porque não” questioná-la de um modo que esteja totalmente fora de qualquer senso comum?. Só assim, o conceito de massa, bem como outros conceitos científicos, pode avançar na abstracção. Quarto, Bachelard é o filósofo do “Ultra-racionalismo”^V. É um racionalismo feroz, que afirma que a ciência só avança com a razão, com uma razão “pura” que não pode aceitar, nem qualquer subjectividade, nem qualquer coisa concreta. Trata-se de uma razão abstracta e objectiva. Para Bachelard, a ciência só avançará, no limite, com equações matemáticas criadas na razão. Só depois, num segundo tempo é que esse conhecimento vem para a experiência. Por isso, Bachelard diz que a experiência é uma teoria materializada.

É preciso assinalar que quando Bachelard fala de ciência, refere-se unicamente à física, à química e à matemática. Esta epistemologia altamente racionalista tem a sua razão de ser porque, na sua época, a física da relatividade e a mecânica quântica, tinham irrompido e abalado a ciência vigente (física newtoniana) e anunciavam cortes profundos. Bachelard tornou-se, assim, o arauto de uma nova epistemologia que acompanhou as drásticas mudanças que estavam a acontecer.

PSICANÁLISE À CIÊNCIA

Qual foi o papel da psicanálise nesta epistemologia racionalista? Por que razão fez Bachelard uma psicanálise à ciência? E como se faz uma psicanálise assim? Dos inúmeros argumentos que respondem a estas questões, vamos sintetizar apenas os mais relevantes: A epistemologia de Bachelard incide sobre o sujeito que faz ciência, sobre as especificidades desse espírito científico que produz conhecimento científico. Bachelard queria estudar um sujeito universal que é epistémico. Entretanto, os textos de Freud já estavam a ser traduzidos em França e enquanto que Bachelard reconheceu na psicanálise um pensamento novo, para ser levado a sério, outros intelectuais consideravam-no mais obscuro e para ser levado com cautela. Este posicionamento não podia ser mais próximo do espírito curioso e irreverente do nosso filósofo! Para além disso, a psicanálise oferecia um modelo de compreensão do funcionamento mental universal que podia ser aplicado ao sujeito epistémico. Havia ainda uma questão importante que a psicanálise poderia ajudar a compreender: a resistência. Bachelard queria perceber como é que as subjectividades dos cientistas poderiam funcionar como resistência ao conhecimento científico, conhecimento esse que se constitui a partir de teorias novas. Ora, avançar para o desconhecido gera inseguranças e resistências.

Bachelard decide então, “deitar a ciência no divã” e fazer aquilo que qualquer psicanalista faria: analisar a sua história infantil. Analisou os textos dos sábios dos séc. XVII e XVIII. E descreveu os seus sintomas, recolhendo inúmeros excertos dessa pré-ciência^{VI}. Vejamos alguns exemplos: A ciência era demonstrada, não em congressos como hoje, mas em salões entre convívios, jantares e espantos. Por exemplo, num excerto de 1771, faziam-se experiências com electricidade, “(o sábio)... *provocou um choque, na presença do Rei, em cento e oitenta guardas... E todo o grupo... Estremeceu ao mesmo tempo, e todos sentiram o choque*” (p. 46)^{VII}. E assim ficou comprovada, sem dúvidas para ninguém, a existência da electricidade. Outra prova científica: “*Mataram um peru por choque eléctrico*” (p. 48)^{VIII}. Também havia teorias científicas para as questões do género: “*As mulheres são homens ocultos visto terem elementos masculinos escondidos lá dentro*” (p. 90)^{IX}. E havia, não só, explicações científicas sobre a histeria, como ainda tratamento para ela: “*A mulher sentia o corpo doente, sem estar propriamente doente*”. Espantoso. Assim, está tudo explicado. Passemos ao tratamento “... (o sábio) *procurou na sua farmácia a droga mais repulsiva (...) preparou uma dose muito forte a fim de provocar verdadeiras convulsões (no corpo da mulher)... ou seja, todo o ser físico devia rejeitar, revoltar-se contra a substância estranha e, assim, todas as funções da alma concentrariam as suas forças para a expulsar ... a partir daí, todos os sofrimentos imaginários seriam esquecidos*” (p. 63)^X. Eis o tratamento. Não é preciso mais nada.

A psicanálise foi particularmente útil para que Bachelard compreendesse a influência da libido nas experiências científicas. E nesse aspecto, os alquimistas eram peritos, talvez porque fossem homens solitários que ficavam horas a fio, pela noite dentro, com os metais a arder no fogo. Temos aqui uma descrição científica de uma experiência com os metais alquímicos: “*Um idílio de amor entre os metais. Primeiro, estavam inertes e frios entre o professor alcoviteiro; depois, sob a acção do fogo, misturaram-se, um impregnou-se no outro e identificaram-se numa fusão absoluta, tal como jamais realizaram os mais fanáticos amores. Um já cedia por uma ponta, dissolve-se em gotas esbranquiçadas e crepitantes*” (p. 300)^{XI}. Bachelard esclarece aqui que o sábio estava a praticar a liga dos metais e acrescenta que os mesmos não cedem assim com tanta facilidade, muito menos a liquefazer-se por uma ponta!

Com inúmeros exemplos como estes, Bachelard constata que a ciência fazia-se num arrebatamento natural face aos factos corriqueiros, a partir de empirismos coloridos que não necessitavam de compreensão, bastava vê-los. Se pegarmos num livro científico moderno, vemos uma ciência ligada a uma teoria geral. Se pegarmos num livro científico da pré-ciência, vemos que ele está inserido no rol de emoções da vida quotidiana.

OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS

A psicanálise ajudou a detectar os sintomas neuróticos da ciência. Bachelard designou-os de Obstáculos Epistemológicos. Eles funcionam como imobilizadores, são uma parte sombria do pensamento. São como que um contra-pensamento. Mais importante ainda: são intrínsecos ao próprio acto de conhecer. Quer isto dizer que o conhecimento contém dentro de si um não-conhecimento, que, em vez de se constituir como possibilidade de novos conhecimentos, funciona ao contrário, como uma resistência, como um Imperativo funcional de lentições e fixações que dificultam o corte, a ruptura com um saber antigo para ir em busca de um saber novo.

Se pensarmos no estado da ciência (física) no nosso século, percebemos que esta tese dos obstáculos epistemológicos não se cinge aos fenómenos da pré-ciência. A ciência terá sempre este problema, porque ela é feita pela mente humana e esta terá sempre obstáculos no pensamento. Trata-se, de facto, de uma tese muito contemporânea, porque vivemos numa época em que a física está novamente em crise. O reducionismo que vigorava na mecânica clássica foi profundamente abalado. Temos os entes quânticos que são coisas complexas, que nos dão uma estrutura do mundo completamente nova e nós não temos um “aparelho mental” capaz de pensar esta complexidade. Em boa verdade, a nossa mente contém obstáculos epistemológicos que dificultam a compreensão de fenómenos que se apresentam completamente fora das experiências que temos da nossa realidade, das noções que apreendemos sobre espaço e tempo.

Mas Bachelard, ao usar a psicanálise, queria mais do que descrever e compreender estes obstáculos. Ele também pretendeu curar o espírito científico. E neste sentido, apresenta várias propostas. Assinalamos a mais radical e controversa de todas: impor o recalçamento ao espírito científico! Ou seja, o espírito científico, para produzir conhecimento, tem que recalcar os devaneios, a imaginação, os desejos, os instintos, enfim todas as subjectividades: “*Sem recalçamento não há pensamento científico. O recalçamento encontra-se na origem do pensamento atento, reflectido, abstracto*” (p. 172)^{XII}. Trata-se, no fundo, de substituir um recalçamento inconsciente por um recalçamento consciente e voluntarioso. Portanto, o recalçamento, em vez de ser um mecanismo de defesa, passa a ser um mecanismo de ataque. Ora, isto é, como sabemos, a subversão completa do que é a psicanálise. Só podia dar numa certa contradição para o nosso filósofo. E deu. Quando acabou de psicanalisar a ciência, Bachelard tem o seguinte desabafo: “*E quando o consciente desmente o inconsciente, quando todas as experiências forem feitas, todos os livros forem lidos, como a carne é triste! A desilusão... só se compara à desilusão do apaixonado quando conhece a sua amante*” (p. 195)^{XIII}. Ao psicanalisar a ciência, Bachelard percebe que acabara de prescrever uma dolorosa tarefa ao espírito científico: obrigá-lo a livrar-se de todos os sonhos e desejos.

É com este estado de espírito que Bachelard começa a escrever *A Psicanálise do Fogo*. Trata-se de um livro curioso, mas, como não podia deixar de ser, muito contraditório. O que vai acontecer é que Bachelard ainda quer psicanalisar as teorias pré-científicas sobre o fogo, mas acaba por derrapar na própria intenção psicanalítica. Quando o livro saiu, foi considerada uma obra menor, talvez um desvio ao conjunto de teses já publicadas, coerentes e bem edificadas. Houve quem lhe chamasse *La Psycanalyse du Fou!*

Ao longo do livro, começa a acontecer uma coisa surpreendente: Bachelard percebe que, se, por um lado, as explicações dos sábios eram autênticos obstáculos epistemológicos, por outro, eram atractivas e fascinantes. Nessas explicações, “*O fogo desmaterializa-se, purifica-se; torna-se espírito*” (p. 179)^{XIV}. O fogo torna-se espírito? Isto é um espanto! Bachelard percebe que estas explicações são poéticas e começa a procurar semelhanças entre estes sábios e os poetas. Aponta como exemplo “*A água é uma chama molhada*” de Novalis, ou “*Ser amado quer dizer consumir-se*

na *chama*” de Rainer Maria Rilke (Bachelard não leu Camões, senão teria outras belas imagens para exemplificar).

Ora, este foi, a meu ver, o efeito que a psicanálise teve sobre o filósofo. Se ele usou a psicanálise para uma função de ataque, agora rende-se a uma função de recuperação. E o que é que ele vai recuperar? Os devaneios, os sonhos, as *rêveries*. Tudo isto é intrínseco à psicanálise. No final do livro, Bachelard já está rendido: “*Nunca se resiste completamente a um preconceito que se levou muito tempo a atacar*” (p. 117)^{XV}. E é exactamente aqui, sob o efeito da psicanálise do fogo que Bachelard começa a interessar-se pelo estudo da *rêverie*. E começa por distinguir a *rêverie* (sonho acordado) do sonho a dormir. “*O sonho caminha linearmente esquecendo, ao correr, o seu caminho. A rêverie trabalha em estrela. Retorna ao seu centro para lançar novos raios*” (p. 34)^{XVI}. A *rêverie*, distingue-se do sonho porque é uma actividade simultaneamente centrada e irradiante. A *rêverie* estará sempre ligada à criação, a novas possibilidades de pensar como raios de luz que iluminam novos pensamentos. É aqui que, como assinalamos no início, a obra se desdobra à filosofia poética.

CONCLUSÃO. O LUGAR DA RÊVERIE

As obras de Bachelard sobre filosofia poética contêm teses de crítica literária e teses sobre a *rêverie* ligadas à imaginação e criação de imagens. Todos nós temos as nossas *rêveries*. Para Bachelard, a melhor *rêverie* de todas é aquela que tem qualidades poéticas, porque quando nós apreendemos imagens poéticas, a nossa *rêverie* é estimulada na nossa essência e tem um devir, tem, pela frente, um caminho de transformação.

Não resisto, a este propósito, a assinalar aqui uma citação do nosso grande poeta Herberto Helder que recentemente nos deixou, que diz, “*Escreve-se um poema devido à suspeita de que enquanto o escrevemos algo vai acontecer, uma coisa formidável, algo que nos transformará, que transformará tudo*” (jornal Público, 4/12/1990).

As imagens poéticas oferecem uma possibilidade ininterrupta de gerar novos sentidos. Se lermos uns versos de um bom poeta sentimos um arrebatamento, qualquer coisa desperta dentro de nós. Se voltarmos a ler amanhã sentimos o mesmo, se voltarmos a ler daqui uns tempos, voltamos a sentir. Isto acontece porque as imagens poéticas contêm em si mesmas a sua própria criação.

Das várias teses que Bachelard fez sobre a *rêverie* ou imaginação, trago aqui esta por ser um pouco surpreendente: “*Sonha-se antes de contemplar*” (p. 11)^{XVII}. Ou seja, vemos aquilo que primeiro imaginámos. Temos aqui uma revolução copernicana sobre a psicologia da imaginação: Bachelard reverte por completo as tradicionais relações entre imaginação, memória e percepção. Tradicionalmente, temos primeiro a percepção, depois a memória e depois a imaginação. Bachelard vem dizer que a imaginação é primordial. A nossa percepção é como que guiada pelas imagens que criámos. É certo que nós temos imagens por memória e representação perceptiva porque precisamos de imitar, é um facto, mas depois teremos que romper com as reproduções para criarmos novas imagens. Portanto, para Bachelard, a imaginação deixa de ser entendida no sentido etimológico da palavra como faculdade de formar imagens da realidade para ser a “*faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade*” (p. 25)^{XVIII}. Note-se que a imaginação bachelardiana não se depreende de uma psicologia, mas de uma ontologia. Ela constitui-nos. Faz parte do ser humano.

Outra tese importante de Bachelard diz que a imaginação expande a vida psíquica: “*Toda a imagem é um aumentativo psíquico*” (p. 139)^{IXX}. Ou seja, o pensamento por imagens não é passivo. Pelo contrário, é um pensamento profícuo e criador, porque as imagens são dinâmicas, imprimem movimento à vida psíquica. Contudo, às vezes (e não tão poucas quanto isso), as nossas *rêveries* estão como que agarradas a bloqueios oriundos do passado ou a processos de cristalização de desejos não satisfeitos. Bachelard sem ter feito uma terapêutica da *rêverie* (porque o seu interesse era filosófico) dirá, ainda assim, que é preciso aprender a sonhar. A *rêverie* ou imaginação passará a ser uma força, uma possibilidade de nos transformarmos: “*Sofremos pelos sonhos e curamo-nos pelos sonhos*” (p. 5)^{XX}.

Notas Finais

- I – Granger, G. (1984). Janus Bifrons. *Revue Internationale de Philosophie*, 38, 150, pp. 257-271.
- II – Schlegel, F. (1994). *Conversa sobre poesia e outros fragmentos*. S. Paulo: Ed. Iluminuras.
- III – Bachelard, G. (2005). *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard. (Obra original de 1938). Ed. Portuguesa: “*A psicanálise do fogo*”, Trad. Maria Isabel Braga. Ed. Estúdios Cor, Lisboa, s/d.
- IV – Canguilhem, G. (1957). Sur une epistemologie concordataire. *Hommage à Gaston Bachelard. Études de Philosophie et D’Histoire des Sciences* (pp. 3-12). Paris: PUF.
- V – No original: *Surrationalisme*.
- VI – É nas Obras *A Formação do Espírito Científico. Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento Objectivo e A Psicanálise do Fogo* que Bachelard apresenta as transcrições exemplificativas dos livros da pré-ciência.
- VII – Bachelard, G. (2006). *A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro. (Obra original de 1938).
- VIII – *Idem*.
- IX – Bachelard, G. (2005). *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard. (Obra original de 1938). Ed. Portuguesa: “*A psicanálise do fogo*”, Trad. Maria Isabel Braga. Ed. Estúdios Cor, Lisboa, s/d.
- X – Bachelard, G. (2006). *A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro. (Obra original de 1938).
- XI – *Idem*.
- XII – Bachelard, G. (2005). *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard. (Obra original de 1938). Ed. Portuguesa: “*A psicanálise do fogo*”, Trad. Maria Isabel Braga. Ed. Estúdios Cor, Lisboa, s/d.
- XIII – Bachelard, G. (2006). *A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro. (Obra original de 1938).
- XIV – Bachelard, G. (2005). *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard. (Obra original de 1938). Ed. Portuguesa: “*A psicanálise do fogo*”, Trad. Maria Isabel Braga. Ed. Estúdios Cor, Lisboa, s/d.
- XV – *Idem*.
- XVI – *Idem*.
- XVII – Bachelard, G. (2005). *L'eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*. (7^a Ed). Ed. José Corti. Paris. (Obra original de 1941).
- XVIII – *Idem*.
- IXX – Bachelard, G. (2004). *La terre et les rêveries du repôs*. Ed. José Corti. Paris. (Obra original de 1948).
- XX – Bachelard, G. (2005). *L'eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*. (7^a Ed). Ed. José Corti. Paris. (Obra original de 1941).

Title: The place of the rêverie in Bachelard's work.

ABSTRACT

French epistemologist Bachelard took an innovative as surprising decision of psychoanalyzing science. He layed the epistemic subject on the couch in order to detect and heal the science of his symptoms: the epistemological obstacles. However, the effect of psychoanalysis in his philosophy of science was unexpected. Another mental world opened up. If, on the one side, Bachelard used psychoanalysis to fight the rêveries of scientific thought, on the other hand, from that point on, he went on spending much of his time studying rêverie. He left his work divided in two irreconcilable halves: philosophy of science and poetic philosophy.

Keywords: Gaston Bachelard • epistemology • poetic philosophy • Psychoanalysis.



INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A «Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica e textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e os outros ramos da cultura, da ciência e da arte.

Regemo-nos por um sistema de arbitragem anónima por avaliadores externos (referees), através de um procedimento de Double Blind (duplamente cego): neste processo os intervenientes (autores, revisores e gestores de artigo) são tornados anónimos. O artigo é enviado para três Pares Revisores, que o examinam e arbitram sobre a sua qualidade. O editor enviará ao autor informação sobre a eventual aceitação para publicação; reformulação e submissão para nova avaliação por pares; ou não aceitação. No caso de reformulação, os autores receberão os pareceres e recomendações dos Pares Revisores e deverão proceder às alterações recomendadas.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Deverão ser enviados para o editor da revista dois ficheiros:

- No primeiro constará a identificação dos autores (num máximo de seis), com o nome, instituição (s) onde exercem, funções e os contactos (morada, e-mail e telefone).
- No segundo, devem ser apresentados o artigo integral, com o título em português e inglês, o resumo e as palavras-chave, abstract e key-words, mas sem quaisquer elementos que façam referência explícita ao autor.

NORMAS GERAIS DE FORMATAÇÃO

- Os artigos não deverão ultrapassar as 15 páginas (salvo algumas exceções), já incluindo referências, notas, tabelas, e figuras. Os últimos três elementos deverão ser evitados, exceto quando forem indispensáveis para a compreensão do texto.

- O texto deve ser apresentado em ficheiro Word, ou em formato RTF (Rich Text Format), com letra Times New Roman ou similar, tamanho 12, espaço 1,5, sem formatação, em páginas A4 e com coluna única. Deve-se evitar negritos, sublinhados, variação de tipo de letra, fundos de cor, etc..
- O corpo do texto deve ser precedido pelo título, um resumo entre 150 e 200 palavras e quatro a seis palavras-chave. O título, resumo e palavras-chave deverão ser apresentados na língua portuguesa e inglesa.
- Só são aceites notas de rodapé na primeira página do artigo relativas ao título e à identificação do autor. Estas notas são identificadas por numeração árabe em vez de asterisco.
- Todas as outras notas, apresentadas apenas quando forem consideradas essenciais, são reunidas no final do texto como notas finais antes das referências.
- As fotografias, figuras, esquemas e gráficos devem ter um título e ser enumeradas por ordem de inclusão no texto.

REGRAS DE CITAÇÃO E DE REFERENCIAÇÃO

As regras de citação e de referenciação devem ser elaboradas de acordo com as normas sugeridas pela A.P.A. (American Psychological Association).

CORRESPONDÊNCIA EDITORIAL E SUBMISSÃO DE TEXTOS

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica
Rua António Pedro, 127 – 3º
1000-037 Lisboa
E-mail: apiresseven@gmail.com